

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 7 | Nº 21 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488



COVID-19, GUERRA SEM TRÉGUA

Alberto Teixeira da Silva¹

Resumo

A pandemia de COVID-19 trouxe impactos, transtornos e perdas incalculáveis. Esta terrível doença tem se alastrado de forma devastadora pelo planeta. Um vírus letal e mortífero, que desencadeou uma guerra sem trégua. A COVID-19 resulta da crise multidimensional de civilização, sobretudo pela destruição ambiental, desequilíbrios ecossistêmicos e incapacidade de governança sanitária no contexto mundial e nacional. As alternativas de reformas e transformações do sistema, passam por políticas de desenvolvimento sustentável e cooperação multilateral.

Palavras chave: Cooperação Multilateral. COVID-19. Desenvolvimento Sustentável. Pandemia.

Abstract

The COVID-19 pandemic has brought immeasurable impacts, disruption and losses. This terrible disease has been spreading devastatingly across the planet. A lethal and deadly virus, which unleashed a relentless war. COVID-19 results from the multidimensional crisis of civilization, mainly due to environmental destruction, ecosystemic imbalances and incapacity for health governance in the global and national context. The alternatives for reforms and transformations of the system go through policies of sustainable development and multilateral cooperation.

Keywords: COVID-19. Multilateral Cooperation. Sustainable Development. Pandemic.

Do choque súbito e progressivo à uma realidade inimaginável. O mundo desacelerou e, vertiginosamente, se acalmou. Um vírus mortífero fulminou os circuitos vitais das sensibilidades e engrenagens que fazem girar a economia, movimentar as cidades e aproximar pessoas e afetos. O futuro distópico se cristalizou, ainda mais, com a primeira peste moderna de escopo planetário do século 21, detonada pelo novo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave – SARS-CoV-2 – e com a correspondente Doença do Coronavírus 2019 - COVID-19 (SENHORAS, 2021).

No início, o cenário de confinamento de pessoas e paralisia dos grandes centros urbanos, conteve, parcialmente, o ritmo frenético da globalização capitalista (diminuindo a poluição e contendo o avanço das mudanças climáticas), mas, de forma contundente, expôs as fragilidades e assimetrias da nossa desgastada era contemporânea. O show da vida foi travado e grandes eventos e projetos, tiveram que ficar para depois, muito depois. Os momentos mais duros e complicados estavam por vir. A ficha ainda não tinha caído, e não cairia tão cedo. O mundo foi pego despreparado e sem fazer a lição essencial. A pandemia tornou claro com todas as letras e tons, as imensas desigualdades locais e planetárias, sobretudo na periferia do sistema-mundo (sul global).

¹ Sociólogo pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor titular aposentado da UFPA. Técnico em Gestão Ambiental da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pará (SEMAS). E-mail para contato: alberto.silva@semas.pa.gov.br



Na correria indesejada e diante da “nova normalidade”, diferentes segmentos da sociedade, mas, sobretudo, as escolas, tiveram que transitar na marra para um outro modelo de ensino e aprendizagem. Aulas no formato à distância em plataformas *online* e *lives*, começaram a comandar os novos tempos da educação, das comunicações, das manifestações culturais e dos negócios. O mundo, que já não ia bem das pernas, entrou em colapso e ruiu.

Sem dúvida, um dos momentos mais desafiadores depois da Segunda Guerra Mundial, como afirmou a chanceler alemã, Ângela Merkel. Chegamos num ponto de inflexão histórico, com a declaração de guerra de um vírus contra a humanidade. Não à toa, os alertas e sinais já estavam sendo emitidos nos filmes, por cientistas e personalidades (Barack Obama, Bill Gates).

Nos metemos numa guerra biológica, silenciosa, com altíssimo grau de letalidade e sem previsão de término. Guerras mundiais passadas aconteceram entre exércitos de grupos de países distintos, tanques e armamentos que mobilizaram forças bélicas e contingentes de soldados. A contenda atual foge dos parâmetros de guerras pretéritas. A polarização política, a intolerância, o ódio e a ignorância, colocam combustível na proliferação de outras guerras irregulares, ensandecidas, que invade lares, redes sociais e esquinas de todo o mundo. Uma guerra sem tréguas, que quebra qualquer argumento prospectivo sobre o futuro dos humanos na (des)aventura da modernidade.

A partir de Wuhan, foi fulminante a forma que a doença se alastrou para os vários continentes, sem respeitar fronteiras e soberanias. Como se fosse um rastro de pólvora se dispersando numa velocidade frenética, aproveitando-se dos fluxos das pessoas, num vendaval de contágios incontroláveis, que chegaria fatalmente aos quatro cantos do planeta. Não mais que de repente, os mercados e os governos entraram em colapso, a vida virou de cabeça pra baixo.

Uma guerra se instalou, sem tempo de preparação de um dos lados, para conter a aceleração da COVID-19, fora de controle e das amarras territoriais. A China agiu rapidamente, acionando seu *modus operandi* implacável *top down* (de cima pra baixo). A cidade de Wuhan foi esvaziada e seus moradores confinados sob regras rígidas. A decisão rápida de decretar o *lockdown* (bloqueio completo), teve bons resultados e evitou que o vírus se alastra-se de forma descontrolada pelo país. Muitos seguiram o mesmo caminho e o bom pragmatismo: Coreia do Sul, Singapura, etc.

Outros desdenham da crise ou demoraram para agir, como por ex: Itália, Espanha e Estados Unidos (EUA), ficaram por muito tempo no topo de infectados e perdas humanas. A falta de articulação política entre os países, revelaram o déficit de governança entre os países, com parte da crise do sistema político global, ou seja, a crise do multilateralismo transnacional.

Governos mais reativos e preparados, implementaram medidas duras e racionais, achatando a famosa "curva" de forma célere, como a China. O fato é que a COVID-19 chegou na Europa, pegando



desguarnecido o velho continente. Ao contrário da China, a Itália e Espanha foram duramente castigados. À frente dos países nacional-populistas, negacionistas e críticos da agenda multilateral, Os Estados Unidos, com discurso de menosprezo ao potencial de contágio da COVID-19, demoraram para tomar as medidas recomendadas pelo OMC, sofrendo conseqüências drásticas. A ausência de uma política pública de saúde, está sacrificando mais diretamente a população negra e pobre americana.

Os países bem sucedidos no combate à COVID-19, foram aqueles onde seus presidentes e mandatários, seguiram as orientações das instituições, cientistas e pesquisadores no campo da saúde pública. Além de serem guiados pela bússola científica e epidemiológica, se colocaram no *front* da guerra, ou seja, exerceram diretamente o comando das ações e políticas, tomando todas as providências para administrar a crise da melhor maneira. Num momento crucial, Nova Zelândia, Austrália, Vietnã e Taiwan e outros países, fizeram o dever de casa: isolamento de pessoas, rastreamento, testes e quarentena.

A rigor, a chegada do século 21 trouxe o agravamento de várias crises, notadamente a crise do sistema de segurança internacional, com a queda das torres gêmeas nos Estados Unidos (2001) e outros ataques simultâneos. A crise do sistema financeiro em 2008 e 2009, que abalou o mundo e provocou uma quebradeira geral do sistema financeiro e bancário, desestabilizando diversos países. Associado a tudo isso, a ascensão de governos de extrema-direita, notadamente nos EUA, com a chegada de Donald Trump na Casa Branca, em 2016, puxou uma leva de seguidores extremistas conservadores e fanáticos.

O potencial de transmissão e contaminação da COVID-19 encontrou terreno fértil na sociedade global, cada vez mais interconectada e integrada. A globalização como processo histórico multicausal e multidimensional, criou as condições materiais, tecnológicas e cognitivas para um mundo “sem fronteiras”, embora moldado pelo sistema interestatal, onde os interesses nacionais (estratégicos) tendem a prevalecer.

A pandemia da COVID-19 não estabeleceu uma ruptura clássica nas relações internacionais, no sentido de brotar outro sistema, que pudesse resultar em uma nova ordem mundial, como houve no pós-segunda guerra mundial e na *debacle* da guerra fria (derrubada do muro de Berlim e derrocada do socialismo real). Contudo, os impactos e mudanças advindas da COVID-19, estão alterando as relações de forças entre instituições, blocos e países, sobretudo entre as grandes potências, no sentido de apontar para uma nova reconfiguração do poder global. A guerra fria continua, costurada por outros cenários e protagonismos.

Na “velha” normalidade (pré-pandemia), o mundo já vivia enfronhado em conflitos e múltiplas arenas geopolíticas, com ênfase entre as duas grandes potências mundiais. A pandemia está causando a aceleração de acirramentos das disputas comerciais e econômicas entre os Estados Unidos e a China,



com inevitáveis realinhamentos geopolíticos entre países, blocos regionais e instituições sociais, agora sob o signo de novas variáveis e incertezas.

A COVID-19 revelou uma tremenda fragilidade das políticas públicas sanitárias dos países ricos e sua incapacidade de governança regional, mas também expos a crise do multilateralismo, que já vinha de dando de forma crescente, sobretudo pela ascensão da visão anti-globalista e ultranacionalista do governo Trump. Certamente os estados nacionais estarão mais pressionados por demandas de serviços públicos e infraestrutura social e sanitária nas próximas décadas.

A pandemia de COVID-19 está diretamente ligada à crise do modelo de civilização, na interface com a crise ambiental e climática, pela forma agressiva e predatória de recursos da natureza. A crise ambiental, que é parte do modelo agressivo do capitalismo em relação à natureza e ao meio ambiente, está intensificando o surgimento de novos vírus e doenças infecciosas no planeta.

Segundo o físico e ambientalista austríaco Fritjof Capra, “a pandemia representa uma resposta biológica do planeta, diante de emergências sociais e ecológicas amplamente negligenciadas” (MENA, 2020). A reprodução desse paradigma predatório, vai ensejar outros eventos danosos e impactantes em diferentes lugares do planeta. Com o avanço da interdependência entre os diversos setores da sociedade global e a escalada das desigualdades e vulnerabilidades, o mundo contemporâneo fica mais tenso e perigoso. Inquieto e atento aos acontecimentos, e com uma bagagem de experiências e travessias de grandes conflitos, o filósofo Edgar Morin (que completou recentemente 100 anos), assinala que a crise desencadeada pela pandemia da COVID-19, “de um lado suscita a imaginação criativa e, de outro, suscita medos e regressões mentais” (MORIN, 2021).

Fala-se na "emergência climática" com toda a razão, mas estamos vivendo tempos de "múltiplas emergências globais" e novos eventos extremos terríveis, como a pandemia da Covid-19, a perda de biodiversidade, a ensandecida polarização política (com os riscos de declínios dos regimes democráticos) e as absurdas desigualdades sociais e ambientais locais e globais. Estas contradições amplificadas pela emergência sanitária, conectam, por sua vez, outras emergências igualmente dramáticas (miséria, violência, desemprego, feminicídio, etc), que nos desafiam para uma compreensão complexa e transdisciplinar do mundo.

São os jovens e as gerações futuras que sentirão mais (e profundamente) os impactos das mudanças climáticas. A crise climática vai aprofundando os problemas e projetando desastres no curto prazo e outros catastróficos e imprevisíveis nestes tempos complexos e conturbados. A situação é alarmante em todo o planeta, pois o produtivismo e a racionalidade econômica - que vivem do curto prazo - não dão tréguas. A tragédia é coletiva e global, mas os impactos são locais e punem as populações mais vulneráveis e pobres. Vivemos no contexto de injustiças climáticas e sociais.



No cenário doméstico, o vácuo de governança deixado pelo governo central, fez emergir o protagonismo de iniciativas subnacionais dos governos estaduais e municipais, que passaram a normatizar e regulamentar por decretos e portarias, as medidas de quarentena, isolamento em seus territórios, com o devido respaldo do Supremo Tribunal Federal (STF).

Como epicentro da pandemia mundial, o Brasil está pagando o preço da ignorância, da desigualdade social, da degradação ambiental e falta de responsabilidade das elites políticas e econômicas. O certo é que a pandemia escancarou as desigualdades no Brasil, mostrando "todas as fraturas sociais que já existiam antes de a COVID-19 chegar" (NOBRE, 2020).

A baixa assertividade do governo federal, no que diz respeito ao processo de vacinação, colocou em risco a saúde pública, que, numa situação de *guerra* como a atual emergência sanitária, deveria ser tratada como bem coletivo comum precioso. Em muitos livros futuros, não será em vão fazer uma autópsia de todo este período e testemunhar os vestígios de uma época, resumidas nas lutas “não só contra uma pandemia, mas também contra o pandemônio político e a patifaria humana” (NICOLELIS, 2020).

A tragédia brasileira continua com a indisponibilidade de vacinas e quase chegando ao número impressionante de 590.000 óbitos acumulados, muitos sem terem tido acesso à proteção básica e essencial por parte do poder público. Uma tragédia desenhada por ações políticas e atitudes irresponsáveis do governo federal, na contramão dos protocolos, exigências e cuidados, que foram seguidos pela esmagadora maioria dos países democráticos.

A guerra contra esse coronavírus está muito longe de acabar. Especialistas falam na emergência de uma era de pandemias, que estão terrivelmente associadas às emergências climáticas, ambientais e sociais. As vacinas não foram providenciadas e o Brasil está muito vulnerável ao recrudescimento da covid-19. O anúncio de novas variantes da pandemia traz a sensação de um pesadelo sem fim.

Grande parte da população ainda não percebeu que estamos no modo “Guerra”, contra variações desconhecidas de um vírus letal. Há quem quer ser registrado o extraordinário avanço científico nos laboratórios, centros de pesquisas, instituições médicas e grupos envolvidos com o desenvolvimento das vacinas. Neste transe interminável, vale ressaltar, a ciência está dando uma contribuição notável para a humanidade.

As alternativas de reformas e transformações do sistema, passam por políticas de desenvolvimento sustentável e cooperação multilateral. Estudos e alertas já se acumulam em busca de uma concertação transnacional, nacional e subnacional, que reorienta ou estabeleça um novo padrão de desenvolvimento com base na sustentabilidade, inclusão (com drástica redução das desigualdades sociais e regionais) e transição energética (aproveitamento do sol, vento, biomassa e correntes



marítimas), tendo em vista uma economia de baixo carbono no espaço urbano e rural. São questões cruciais para reverter a lógica da destruição do sistema hegemônico em curso.

Neste diapasão, temos a importante liderança da União Europeia nas iniciativas e políticas centradas na economia verde, apontando caminhos para a reconstrução da economia mundial pós-pandemia, através do diálogo economia-ecologia que resulte num sistema de produção mais resiliente e solidário. A política climática do presidente Joe Biden fortalece a governança ambiental internacional.

Por último, mas não menos importante, as agendas multilaterais da ONU, notadamente o Acordo de Paris, a Agenda 2030 e os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), a Década dos Oceanos e a Década para a Restauração dos Ecossistemas, dentre outros mecanismos de cooperação global, com repercussões virtuosas nos planos nacional, regional e local.

Enfim, a primeira pandemia que se projetou de forma global do século 21, deixa um saldo desastroso de mortes, prejuízos econômicos, sociedades arrebatadas pelo desemprego e territórios arrasados por dores, tristezas e devastação ambiental. Essa peste representa um tapa na cara do modelo civilizatório dominado pela sofisticação tecnológica e derrotado pela incapacidade de gerar sociedades mais igualitárias e sustentáveis. Na transição para a terceira década do século 21, as percepções de vidas coletivas (entre nações, culturas, etnias, gêneros), interdependências, solidariedades, valorização das ciências, conhecimentos e saberes, são algumas das palavras-chave para essa década que se inicia, de incertezas, esperanças, superações e utopias.

REFERÊNCIAS

MENA, Fernanda. “Pandemia é resposta biológica do planeta”. **Folha de São Paulo** [09/08/2020]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso 10/09/2021.

MORIN, Edgard. “Entrevista concedida a Rosa Freire D’Aguiar”. **Facebook** [08/07/2021]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RosaFreiredAguiar>>. Acesso em: 22/09/2021.

NOBRE, Marcos. **Ponto-Final**. A guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Editora Todavia, 2020.

NICOLELIS, Miguel. “Uma carta para meus futuros netos”. **El País** [07/12/2020]. Disponível em <<https://brasil.elpais.com>>. Acesso em 10/12/2020.

SENHORAS, E. M. “O campo de poder das vacinas na pandemia da Covid-19”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 18, 2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 7 | Nº 21 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima